

Irão. Para Hassan as portas do mundo estão fechadas

Ateu, “estrangeiro” no seu próprio país, afirma que os seus valores estão na Europa

JOÃO GUILHOTO
zoom@email.pt

Hassan quer sair do seu país. Vive no Irão, é ateu no seio de uma família religiosa, fuma cachimbo e usa bigode à Dalí. Um dos conflitos começou em casa quando, para Hassan, Deus morreu. Mas sair do país, como ele pretende definitivamente, não tem sido fácil. É como se estivesse preso: uma prisão com 1,648 milhões de metros quadrados, amplos desertos, montanhas verdes, um mar a norte e um golfo a sul.

Hassan, que nasceu em 1989 em Esfahan – uma das cidades mais turísticas do país, com a imponente Praça Imam no seu centro – tem tentado sair do país. Utilizou o Facebook durante algum tempo para tentar arranjar casamento e com isso obter uma nacionalidade estrangeira, e esteve perto de ir para a Polónia estudar Polaco na Universidade Jaguelónica de Cracóvia. Mas os holofotes do Ocidente estão virados para o Médio Oriente: a Primavera Árabe, que abriu espaço a uma possível democratização da região, a guerra na Síria e o enriquecimento de urânio no país de Ahmadinejad. É com estas imagens e implicações diplomáticas que Hassan é obrigado a viver no seu país de origem.

Interessa-se por artes gráficas, e apesar de ainda não ter estudado na universidade tem realizado alguns trabalhos como freelancer. Faz fotografia e escreve: prosa e poesia. Hassan está habituado a conviver com esta ambiguidade: no espaço público e na esfera familiar comporta-se de acordo com as regras islâmicas; por outro lado, ao mesmo tempo tenta viver a sua identidade. Hassan não acredita em Deus.

“Quando ando nas ruas não me sinto ateu. Não posso deixar de ouvir o Adhan (no islamismo, a chamada para a oração) proveniente de uma mesquita perto de minha casa. Na rua sou como qualquer outra pessoa. Não posso abraçar a

minha mulher ou namorada; se eu for uma mulher não posso tirar o lenço; as coisas funcionam para mim como funcionam para os muçulmanos. Eu tenho isso em mente e vivo ‘a minha vida’ apenas em privado.”

Hassan diz ser um “estrangeiro” no seu próprio país. Além da religião, o jovem iraniano sente-se mais ligado aos valores europeus. “Os meus valores são mais parecidos com os da Europa do que com os valores do Irão: em forma de governação, cultura e no que diz respeito a minorias.” Hassan procura “arte, vida de pensamento, liberdade, diversidade de empregos, acesso à ciência, humanidade e tempo”.

Em Setembro de 2010, o mesmo mês em que o Irão registou um aumento significativo no enriquecimento de urânio (para 22 quilos a 20 por cento), Hassan partiu. Esteve em Istambul durante três meses e ali, graças à comunidade online do couchsurfing, conheceu pessoas com quem foi vivendo. Depois seguiu rumo à Geórgia, onde ficou um mês, deslocando-se sempre a pé e à boleia.

“Quando ando nas ruas não me sinto ateu. Não posso deixar de ouvir o Adhan” (a chamada à oração islâmica)

“A prisão faz-nos pensar livremente. Não nos preocupamos com o dia-a-dia e pensamos de forma mais profunda”

Voltou à Turquia por mais três meses, mas por falta de dinheiro e expiração dos vistos voltou ao Irão. Agora não consegue voltar a sair.

No Irão as sanções do Ocidente sentem-se no dia-a-dia. A vida está mais cara. Nos mercados internacionais o rial é das moedas com menor cotação. Também a diplomacia entre o Irão e os países ocidentais já viu melhores dias, fazendo com que a pressão que os países europeus têm feito sobre o Irão por causa do alegado plano nuclear dificulte a saída de iranianos do país. “Este passaporte não vale nada”, diz Hassan.

Em 2009 esteve preso durante sete dias, depois de uma manifestação contra o regime. Foi libertado mediante caução e por causa disso perdeu o emprego e foi feita uma busca a sua casa. Apreenderam-lhe o computador, livros, música.

Mas Hassan mantém o optimismo – admite “que há locais interessantes” para se ganhar experiência e que a prisão pode ser um deles. “A prisão faz-nos pensar livremente. Não nos preocupamos com a vida do dia-a-dia e começamos a pensar de forma mais profunda.”

Depois de sair da prisão, Hassan confessa que se tornou mais amável para as pessoas e que se dedica mais a si próprio. “Percebi que não quero ser um membro do rebanho, mas sim um pastor, ou melhor, um bom pastor.”

FACEBOOK PARA ARRANJAR MULHER Mesmo bloqueado, toda a população no Irão consegue aceder facilmente ao Facebook, através do serviço de VPN, que mascara o IP de cada computador com um de outro país. Até o próprio aiatola Ali Khamenei, supremo líder do Irão, tem agora, em contradição com a política de censura do país que lidera, uma página na “rede sionista”, como se lhe referem por vezes as autoridades da República Islâmica no Irão.

Ainda antes de ir para a Turquia, em 2010, Hassan criou uma página no Face-



book chamada “Who is brave enough (to marry me)?”. Através dessa página tentou travar conhecimento com mulheres que quisessem casar com ele. Era simplesmente um apelo de ajuda, pois não tinha dinheiro para oferecer a uma possível candidata. Esteve perto, como o próprio admitiu, mas sem sucesso.